

---

## *BDSer: corpus lingüístico como acervo de experiências pessoais*

*Elisa Battisti\**  
*Cristiane Lembi\**

---

**Resumo:** BDSer, Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, em constituição pela UCS, é acervo de entrevistas gravadas de informantes oriundos de nove municípios da Serra gaúcha, habitantes de zona urbana e rural. São narrativas de experiência pessoal que viabilizam não só a análise lingüística, como também estudos culturais.

**Palavras-chave:** *corpus* de língua falada, acervo de experiências pessoais, estudos culturais.

**Abstract:** BDSer – Serra Gaúcha’s Spoken Language Data Bank –, being built up by UCS, is a collection of recorded interviews of informants from nine cities in Rio Grande do Sul who live in urban and rural areas. The interviews contain narratives of personal experience which can be used as data not only for linguistic analysis, but also for cultural studies.

**Key words:** spoken language *corpus*, collection of narratives of personal experience, cultural studies.

---

O BDSer, Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (UCS-CCHC-DELE), é um acervo de entrevistas sociolingüísticas cujo propósito é o de subsidiar pesquisas de língua falada. No entanto, dada a natureza das entrevistas – narrativas de experiência pessoal, que incluem descrições de locais, práticas e fatos de épocas passadas, bem como posicionamentos frente a questões sociais –, o BDSer como outros *corpora* lingüísticos armazena material relevante também para estudos culturais, especialmente aqueles que se apóiam em depoimentos pessoais orais para registrar a história e a percepção do social do ponto de vista do indivíduo. O objetivo deste artigo é o de apresentar o acervo, caracterizá-lo e, através de trechos das entrevistas,

---

\* Professora no Departamento de Letras da Universidade de Caxias do Sul; Docente no Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul; *e-mail*: ebattist@ucs.br

\*\* Bolsista Pibic/CNPq do projeto “A fala na Serra Gaúcha: inovações lexicais na área de colonização italiana” (UCS-CCHC-DELE, Mestrado em Letras Cultura Regional); *e-mail*: crislembi@bol.com.br

fornecer exemplos de relatos passíveis de utilização na pesquisa em História e outras ciências sociais.

### **BDSer: *corpus* lingüístico**

Tradicionalmente, *corpus* em lingüística é qualquer conjunto de ocorrências naturais de língua (sentenças, textos, partes de textos, gravações) usado para um dado estudo. Mais recentemente, conforme Hunston (2002), o termo *corpus lingüístico* tem denominado coleções de textos escritos ou de partes de textos armazenados eletronicamente. O BDSer não é um acervo de textos com acesso eletrônico, mas é considerado um *corpus* lingüístico, porque as partes de seu acervo podem ser estudadas não-linearmente, tanto qualitativa como quantitativamente; porque registra e mostra como a língua é do ponto de vista do uso, da produção oral; porque serve à pesquisa lingüística voltada à estrutura, como a variacionista (LABOV, 1972) e à pesquisa aplicada tal qual a lexicográfica, que se ocupa da elaboração de obras dicionarísticas, como a que o BDSer ora subsidia.<sup>1</sup> Nesse ponto, é importante esclarecer a natureza das chamadas entrevistas sociolingüísticas que compõem o BDSer e o distinguem de outros *corpora* lingüísticos.

### **Entrevistas sociolingüísticas**

Com Labov (1972), inaugurou-se uma metodologia de análise lingüística – a análise de regra variável – que, por sua vez, deu origem a uma nova disciplina na área de estudos da linguagem, a sociolingüística variacionista ou quantitativa, para a qual a entrevista sociolingüística é o método clássico de coleta de dados. O estudo da variação lingüística, isto é, de formas alternativas de dizer a mesma coisa, é empírico, requer uma grande quantidade de dados naturais de língua. Esses dados encontram-se no vernáculo, na fala coloquial, em que o mínimo de atenção é prestada à língua. O vernáculo, que se busca obter através das entrevistas sociolingüísticas, é, conforme Tarallo (2002, p.19),

[...] a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias.

É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores.

É a língua falada entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados.

A entrevista, gravada, é realizada um-a-um, isto é, com a presença apenas de entrevistador e informante, em local familiar ao entrevistado, seguindo-se um roteiro de entrevista. Isso é paradoxal frente ao propósito de coletar instâncias do vernáculo. Embora se queira coletar a língua coloquial, falada informalmente, a entrevista é necessária porque, conforme Tarallo (2002), o sociolinguísta precisa controlar tópicos de conversa e eliciar a realização da variável linguística em que está interessado, o que seria inviável na gravação de conversas espontâneas. Assim, apesar da situação de entrevista, coletam-se dados procurando-se minimizar a interferência do pesquisador na naturalidade da situação de comunicação. Tópicos são propostos de modo a que o informante se envolva com o conteúdo do que fala, e não com a forma como fala. Usualmente pergunta-se sobre infância, família, trabalho, amigos, lazer, problemas enfrentados; eventualmente pergunta-se a opinião sobre algo.

O roteiro (ver ANEXO) seguido para a realização das entrevistas do BDSer contém um elenco de cerca de quarenta questões. Nem todas as questões são feitas ou respondidas, tudo depende do desenvolvimento dos tópicos ao longo dos 60 minutos de entrevista. As cerca de trinta questões são agrupadas em três grandes blocos, compostos conforme o tipo de discurso a ser elicitado (descritivo, narrativo, argumentativo). Os blocos são, no entanto, uma divisão didática das questões, uma vez que essas podem mesclar-se no decorrer da “conversa” entre pesquisador e entrevistado. É assim que narrativas de experiência pessoal surgem, que as entrevistas resultam num repertório de histórias de vida através das quais crenças e posicionamentos frente às coisas do mundo se revelam.

### **BDSer: histórico e composição do acervo**

A constituição do BDSer teve início em agosto de 2000, ação prevista como resultado de um projeto de pesquisa do Departamento de Letras/Mestrado em Letras e Cultura Regional da UCS.<sup>2</sup> A revisão de diferentes conceitos de região resultou na opção de seguir Vieira (1984) e recortar a área de abrangência da investigação na Microrregião Vinicultora de Caxias do Sul. Essa inclui nove municípios de colonização italiana, situados no interflúvio Taquari-Antas e Caí, em que se desenvolve a policultura em pequenas propriedades e que constitui importante zona industrial, com setores metalúrgico e pesado de transportes. São eles: Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos, Veranópolis.

Para cada município, decidiu-se considerar duas zonas, a urbana e a rural. Os informantes dessas zonas foram selecionados conforme idade, gênero, escolaridade, e estratificados seguindo o que vai no Quadro 1:

**Quadro 1:** Critérios para a seleção de informantes do BDSer

Zona	Rural	Urbana
Gênero	Masculino Feminina	
Idade	De 15 a 25 anos	
	De 30 a 45 anos	
	De 50 a 65 anos	
	Setenta ou mais anos	
Escolaridade	1ª a 4ª série do Ensino Fundamental	
	5ª a 8ª série do Ensino Fundamental	
	1ª a 3ª série do Ensino Médio	
	Ensino Superior (um ou mais anos)	

Assim, previu-se para cada município o número de 64 informantes, e o acervo (em constituição) contém entrevistas de apenas dois dos nove municípios referidos, Caxias do Sul e São Marcos.

Iniciou-se a coleta de dados por Caxias do Sul, em dezembro de 2000. Essa estendeu-se a julho de 2002, tendo sido realizadas 55 entrevistas das 64 previstas. As localidades de zona rural consideradas foram principalmente Beviláqua, São Braz e Santo Homobom, administrativamente ligadas a Ana Rech, bairro de Caxias do Sul. Na zona urbana, os informantes desse município residem em diferentes bairros, entre eles São Pelegrino, Pio X, Planalto, Cruzeiro, Lourdes, Centro. Dada a estratificação seguida, não foi possível encontrar informantes que preenchessem algumas células da amostra. Por exemplo, não se conseguiu localizar informante do gênero masculino, de 70 ou mais anos de idade, com nível superior de escolaridade residente na zona rural pesquisada.

Para que se possa ter idéia do elenco de entrevistas de Caxias do Sul, por exemplo, o quadro 2 traz a distribuição dos informantes de zona urbana, e o quadro 3, a de informantes de zona rural desse município, conforme os critérios estabelecidos para sua seleção (ver quadro 1). As duas primeiras colunas apresentam os estratos resultantes dos critérios Gênero e Idade; a terceira, os estratos resultantes do critério Escolaridade (as abreviações Pri, Fun, Me, Su correspondem aos níveis de escolaridade considerados, quais

sejam, Primário, Fundamental, Médio, Superior, respectivamente), mais as iniciais dos informantes que ocupam cada estrato. A quarta coluna traz a profissão dos informantes, que não foi critério para sua seleção, mas é informação que se registra na Ficha Social de cada informante e que pode ser relevante para estudos culturais.

**Quadro 2:** Distribuição dos informantes de Caxias do Sul, zona urbana

Gênero	Idade	Escolaridade	Profissão
Homem	15 - 25	Pri:	Empacotadpr de supermercado
		Fun: Ma	
	30 - 45	Me: MVS	Estudante
		Su: DC	Professor de inglês
50 - 65	Pri: ASA	Pedreiro	
	Fun: NVP	Soldador	
Mulher	15 - 25	Me: NFP	Ajustador mecânico
		Su: JMS	Vendedor
	30 - 45	Pri: JRL	Metalúrgico aposentado
		Fun: RENR	Torneiro mecânico aposentado
50 - 65	Me: VJR	Mecânico	
	Su: PJS	Economista	
Homem	70 ou mais	Pri: AT	Comerciante aposentado
		Fun: CJP	Metalúrgico aposentado
	30 - 45	Me: DG	Aposentado
		Su: MK	Juiz de direito aposentado
Mulher	15 - 25	Pri: MT	Auxiliar de limpeza
		Fun: SSS	Auxiliar geral
	30 - 45	Me: DD	Estudante
		Su: TPB	Estudante
50 - 65	Pri: IBP	Auxiliar geral	
	Fun: IR	Costureira	
Mulher	30 - 45	Me: MAC	Tele-atendente
		Su: SM	Taquígrada
	50 - 65	Pri: CRD	Dona-de-casa
		Fun: ER	Dona-de-casa
70 ou mais	Me: OPF	Contadora	
	Su: AIZ	Professora	
Mulher	70 ou mais	Pri: MB	Dona-de-casa
		Fun: VB	Costureira aposentada
	30 - 45	Me: ARS	Professora aposentada
		Su: ICB	Professora aposentada

Quadro 3: Distribuição dos informantes de Caxias do Sul, zona rural

Gênero	Idade	Escolaridade	Profissão
Homem	15 - 25	Pri: MV	Agricultor
		Fun: MR	Agricultor
		Me: AF	Agricultor e montador
		Su: AVB	Metalúrgico
Homem	30 - 45	Pri: JP	Agricultor
		Fun: JLB	Agricultor
		Me: RLF	Agricultor
		Su: REL	Agricultor
Homem	50 - 65	Pri: OB	Agricultor
		Fun: HAT	Agricultor
		Me: Su:	
Homem	70 ou mais	Pri: EB	Agricultor
		Fun: Me: Su:	
Mulher	15 - 25	Pri: LFB	Dona-de-casa
		Fun: IB	Agricultora
		Me: CRT	Estudante
		Su: FB	Auxiliar geral
Mulher	30 - 45	Pri: SN	Agricultora
		Fun: VMA	Agricultora
		Me: SBB	Dona-de-casa
		Su: MLPB	Professora
Mulher	50 - 65	Pri: LAB	Agricultora
		Fun: EVR	Professora aposentada
		Me: ICTP	Prof. aposentada de Ensino Fundamental
		Su: IA	Microprodutora rural
Mulher	70 ou mais	Pri: ETF	Dona-de-casa
		Fun: Me: Su:	

Nos quadros 2 e 3, as linhas em branco (sem as iniciais de informante na coluna Escolaridade, sem ocupação registrada na coluna Profissão) marcam células vazias, estratos para os quais não foi possível encontrar informante. No momento (julho de 2004), o acervo conta com 110 entrevistas, 55 do município de Caxias do Sul, 55 do município de São Marcos. A coleta será iniciada (agosto de 2004) em outro dos sete municípios a cobrir, do total de nove municípios considerados.

### **Entrevistas do BDSer e o registro de experiências pessoais**

Para exemplificar a espécie de registro de experiências pessoais que se faz no BDSer, e que constitui material relevante para a realização de estudos culturais, selecionamos trechos de entrevistas de informantes da zona rural de Caxias do Sul. Eles mostram o modo como o indivíduo constrói a realidade que o cerca através das práticas diárias, bem como a visão de mundo que orienta a vida em comunidade e a compreensão das relações sociais.

Os exemplos serão introduzidos juntamente com considerações acerca de possibilidades de exploração do material do ponto de vista discursivo,<sup>3</sup> embora não se tenha a pretensão de elaborar um elenco exaustivo dessas possibilidades. Isso requer inicialmente que se considerem as entrevistas sociolingüísticas como um gênero de discurso.

Gênero de discurso é um conjunto de convenções associadas a um tipo de atividade socialmente aprovada e também um representante desse tipo de atividade, que implica um tipo particular de texto,<sup>4</sup> como também processos particulares de produção, distribuição e consumo de texto. Tais processos ou práticas discursivas são restritas socialmente: a natureza específica da prática social de que fazem parte determina o tipo de recurso discursivo a que se recorre e o modo como se utiliza esse recurso. Isso é fundamental para a análise da intertextualidade, da propriedade de um texto de ter fragmentos de outros textos que, em termos de produção, acentua sua historicidade, ou sua característica de responder a textos previamente produzidos; em termos de distribuição, permite explorar as redes em que os textos se movimentam; em termos de consumo, permite admitir que a interpretação de um texto não é moldada apenas por ele próprio e pelos textos que intertextualmente o constituem, mas também por outros textos que as pessoas variavelmente trazem à interpretação.

As entrevistas sociolinguísticas de que retiramos fragmentos foram realizadas em dezembro de 2000, em São Braz, localidade (rural) de Ana Rech, bairro de Caxias do Sul. A entrevistadora, com 24 anos e estudante universitária (à época), também reside na localidade. Como se afirmou anteriormente, as entrevistas constituem modo de coleta de dados que procura reproduzir o estilo coloquial de conversação no que tange às ações dos interactantes, mas em que, em termos de produção, impõem-se as posições de sujeito entrevistador e sujeito entrevistado, ao mesmo tempo que, ao simular uma conversa, os produtores podem ocupar outras posições, como as de vizinhos, por exemplo, que é o que se revelará nos fragmentos a seguir. Tanto informante quanto pesquisador estão cientes da utilização do conteúdo da entrevista para estudos acadêmicos, o que significa que possuem uma idéia da possível distribuição do texto, o que de alguma forma exerce censura sobre o dito. O fato de a entrevistadora ser conhecida dos entrevistados afeta o consumo enquanto modo de interpretação imediatamente disponível ao longo da entrevista, o que por sua vez motiva algumas perguntas feitas (ou não feitas!) e reações do informante e da pesquisadora, aspectos relevantes para que se compreendam narrativa e modo de narrar.

Os fragmentos selecionados referem-se ao episódio da demolição da antiga igreja da comunidade de São Braz, ocorrida em 2000. O fragmento (a) contém a narrativa da demolição e dos eventos que a precederam na perspectiva de um dos informantes diretamente envolvidos com a derrubada; o fragmento (b), um dentre outros depoimentos de percepção/opinião sobre o ocorrido. As narrativas são interessantes porque abordam, do ponto de vista do ‘homem comum’, a destruição de um patrimônio histórico e porque se fica sabendo como a comunidade concebeu e executou algo que foi condenado por muitos.

A demolição causou polêmica entre os moradores, divididos entre aqueles que queriam e aqueles que não queriam a demolição, e teve repercussão junto à mídia local, que noticiou o fato em tom de denúncia. Seguem os fragmentos, em que as letras maiúsculas P e E antes de cada turno de fala simbolizam entrevistador e entrevistado, respectivamente; e em que números entre colchetes marcam trechos a serem posteriormente discutidos em termos de intertextualidade, no que se refere à representação de discurso – que dá lugar a ‘vozes’ outras no texto que não a de seu produtor – e à pressuposição:



(a) Informante 02, faixa etária dos 30 a 45 anos, nível Primário de escolaridade, agricultor, que na época era fabricante das festas realizadas na comunidade.

P: O que mudou na comunidade?

E: Ah ... bastante coisa, né?

P: Por exemplo?

E: Por exemplo, matéria de ... bom eu (es)tava falando, né, matéria de ... salão, da comunidade, da igreja, que era pequenina, agora não existe mais.

P: O que aconteceu com a igreja?

E: Ah, ... foi derrubada, né?

P: E por que foi derrubada? [1]

E: Ah, foi derrubada por causa do, da teimosia dos cara(s). [2]

P: Será que a igrejazinha pequena não podia fica(r) ali onde [que + ela] (es)tava? [3]

E: Podia, podia, até eu era, era membro da diretoria na época, né ...

P: Sim.

E: Inclusive um era, que era da <so->que fazia parte da derrubada da igreja pra acerta(r) pra não derruba(r) ela, <...> eu, né. [4]

P: Não queria que derrubasse, então?

E: Não queria, nós chegamo(s) a um certo ponto não agüentava mais, não deu mais pra agüenta(r), porque as negociações era assim, por exemplo, na época a gente (es)tava negociando, que era o forte da negociação, nós fazia mais ou menos em torno de três reunião por mês ... pra deixa(r) a igreja, como+é que queria(m) faze(r), onde era errado, onde era certo. [5]

P: E vocês faziam essa negociações com quem?

E: Co'a família Mazzochi.

P: A família Mazzochi, c'os, então, co'a diretoria?

E: Co'a diretoria ... e diversas reuniões com a capela, né, diversas reuniões foi feita(s) co'a capela ... mas só que a gente acertava num lado ... acertava por exemplo, vo(u) faze(r) isso, faze(r) isso, isso, por exemplo, cinco itens, por exemplo, ah, renova(r) a:: cozinha, tira(r), faze(r) o esgoto cloacal, né, luz, tá, diversos, daí tu apresentava isso, nós ia lá, apresentava pra eles, eles mudavam, aí começara(m) a dize(r): "Não, aí tem que faze(r), que ergue(r) a cozinha, tem que faze(r) tudo, tudo assim", como, por exemplo, a estrada de doze metros, muros lado a lado, ah,

P: A estrada?

E: Estrada, estrada, tudo ao redor, sabe? De doze metros.

P: Ao redor da igreja?

E: Ao redor do quarteirão que eles iam, não é que iam doa(r), eles iam era, eles iam era aproveita(r) da comunidade, né, valoriza(r) o terreno deles, eles iam doa(r), mas tinha um certo valor, aí nós fomo(s) no fundo, no fundo ... peguemo topógrafo, peguemo engenheiro, peguemo arquiteto, peguemo, né, toda a comunidade junto, pelos gastos que nós ia gasta(r) isso aí, nós fizemo(s) cálculo pra bota(r) a prime(i)ra pedra da igreja, que foi derrubada, quatrocentos e sessenta mil reais, pra tu começa(r) a igreja.

P: Do jeito que eles queriam?

E: É, do jeito que eles queriam, quatrocentos e sessenta mil reais, e a comunidade não suportava isso.

P: Imagina!

E: E até depois um dia, numa festa aí, [que + era] festa de São Braz, festa de, não era de São Braz, festa de São Pedro e Santo Antônio, aí os fabriqueiro(s), era um dia de chuva, sabe, no dia da festa, chuva, vento, um vendaval, eu acho que, se não era uns oitenta quilômetros por hora, andava perto. [6]

P: E ali é alto, né, o lugar.

E: É, aí o <pa->, aí começo(u) a missa, né, todo mundo lá de fora, teve gente do Bevilacqua, né, aqui que é nossa comunidade vizinha ... né, eles começara(m) a dize(r) assim: “É, se vocês não, não fize(rem) a igreja nova, eu não venho mais na festa, porque aqui é uma vergonha, não viemo(s) mais né, porque...”. O padre veio pra fora com a comunhão, assim, caiu, sabe, que o vento levo(u) fora a <comu-> as partículas da comunhão, levo(u) embora. [7]

P: Capaiz, capaz! Mas não tinha <pa-> o cálice?

E: Não, (es)tava dentro de uma bandejinha.

P: Ah!

E: Levo(u) embora.

P: Ah! E que padre que era, tu lembrás?

E: O Nebrídio Bolcatto. Aí o pessoal, quando chego(u) fora da missa começara(m) <...-> nós, né, que era fabrique(i)ro(s) e começara(m) enche(r) o saco: “E porque assim não dá mais, vocês têm que cria(r) vergonha e da(r) um jeito”, aí eles tinham decidido derruba(r) a igreja eu nem sabia, né. [8]

P: E quem que decidiu derruba(r) a igreja?

E: Os meus colegas da, da diretoria. [9]

P: Os outros fabriqueiros, aí? [10]

E: É, eu disse não, não, não, vamo(s) faze(r) o(u)tra reunião, com calma, vamo(s) fala(r) com eles, não vamo(s) derruba(r) a <igre-> a igreja não é para se(r) derrubada, não é para se(r) derrubada. Vamo(s) lá com

calma, vamo(s) faze(r) o(u)tra reunião com eles, vamo(s) ve(r) o que eles dizem. Depois nós já tinha ajeitado tudo, já, o projeto tudo pronto, sabe? Nós tinha concordado com todas o que eles queriam ... aí depois que tinha o projeto tudo pronto, assim, nós fomo(s) lá ... mais ou menos pra desmancha(r) o morro aí, a estrada de doze metros como eles queriam e tudo, nós ia gasta(r) mais ou menos sessenta e sete mil, de sessenta e cinco a sessenta e sete mil só pra leva(r) embora a terra.

P: Meu Deus!

E: Dali, quando que nós tinha vendido mais ou menos três mil caminhão de terra ... que era pra nós baratea(r) o custo, não, aí fizera(m) uma o(u)tra reunião e os donos da terra disseram: “Não” ... Eles têm o terreno pro lado de ba(i)xo, bem onde tem a vila deles, lá em ba(i)xo, onde que tem a vila aí. “Não, a terra vai tudo doada de graça”. [11]

P: Pra igreja?

E: Da, aquela que saía da igreja ... mas aí ia tudo lá de graça, nós já tinha vendido três mil caminhão.

P: De terra?

E: É.

P: É um baita monte, né?

E: Sim, imagina só, é incalculável isso aí. Eu disse: “Mas não, Juarez”, eu disse, “não todo o terreno, não é por aí, se, se tu vai quere(r) um caminhão de terra” ... tudo, nós só se tinha vendido ela pra baratea(r) o custo. “Não, a terra lá de ba(i)xo de graça”. Eu: “Não, Juarez, os sócio(s) não vai concorda(r) e não vai e não vão e não vão concordar, entenda, <...->, Juarez, não vai de(i)xa(r) nós derruba(r) a igreja.” Eu disse pra ele: “Juarez, cede um pouquinho, faz uma parte bem feita que nós fizemo(s) a nossa parte”. Ele disse: “Não, eu (es)to(u) doando a terra do jeito que eu quero <...-> vocês vão lá sexta-feira, derrubem a igreja”. [12]

P: Que Juarez esse?

E: O Juarez Mazzochi. Aí nós viemo(s) pra casa e derrubamo(s) a igreja no mesmo dia. [13]

P: De noite, aí?

E: É, viemo(s) pra casa, saímo(s) de lá de noite, passamo(s) lá e peguemo o, as escavadeira(s) e viemo(s) aí, chegara(m) aí e derrubamo(s) a igreja. Mando(u) derruba(r), nós derrubamo(s), agora (es)tão culpando nós. [14]

P: E o outro dia aí, como é que foi?

E: A, no outro dia foi pesado, barra pesada, imprensa, todo mundo veio atrás, mas não fomo(s) nós os culpado(s), foram eles, nós não queria

derruba(r) a igreja, mando(u) derruba(r), nós derrubamo(s), não dava mais pra agüenta(r), ... não dava mais pra agüenta(r) ... não dava. [15]

P: Sim, ela era pequena, né?

E: E depois, ninguém cedia o terreno aí, por que que essa terra não era minha, hein, por que que <iss->, por que é os <ant-> os antepassados começaram a igreja aí onde não era pra começa(r) pelo certo, pra todas essas confusões aí, porque não fizeram na terra dos o(u)tros. Se era pra faze(r) assim, não era nem pra te(r) começado aí. [16]

P: É que essa igrejainha, foi doado esse terreno, né?

E: É uma igrejainha assim, feita assim, ah, na época era assim, né, era um capitelzinho pra i(r) reza(r) os terço(s) e/

P: Um capitel, né?

E: É, e foi indo e foi indo, aí se doeram. [17]

P: O certo era te(r) feito o(u)tra maior.

E: Ma(s) não tinha terra, ninguém queria cede(r).

P: Pra ba(i)xo ali do Maurício, não ia se(r)? [18]

E: ... de(i)xa assim ((risos)) [19]

P: Na tua opinião, então qual é o local mais bonito aqui de São Bráz? (BDSer 02; p.13-25).

O episódio começa a ser abordado na entrevista supondo-se algum conhecimento prévio de ambas as partes sobre o caso, dada a ausência de preâmbulos ou enunciados introdutórios a um tema que seria desconhecido ([1, 2, 3]), e o diálogo responde a outros textos ([2, 3]) ou discussões travadas anteriormente na comunidade. A entrevistadora procura conduzir o depoimento com certa isenção, que se desfaz quando assume a posição do sujeito que questiona a derrubada ([2]), com base em “ditos” anteriores ([18]). O entrevistado de início procura isentar-se da autoria da demolição ([4]), mas o modo como lida com a representação de discurso, isto é, o modo como utiliza os discursos direto e indireto para relatar, narrar o desenrolar de acontecimentos produz ambivalência, revela “vozes” aparentemente contraditórias que, na materialidade do fato, correspondem a um sujeito que declara não querer a demolição, mas participa dela; de uma família que tem o poder que lhe confere a posse da terra e a doação da terra para a construção da igreja, mas que não se curva a decisões da capela e da comunidade para a execução da obra.

Em [5], opõem-se as ações e os desejos de um “nós” – o entrevistado e a diretoria da capela – ao “eles”, a família doadora das terras. De [6] a [10], é grande a ambivalência de “nós” e “eles”, e “vozes” antagônicas são ouvidas: “eles” são os fabriqueiros ([6]), os moradores vizinhos ([7]); em

[8], os fabriqueiros passam a ser “nós”, o “nós” que sofre pressão para que a igreja seja derrubada, e há um ‘eles’ que decide derrubar, que são os colegas da diretoria da capela [9], grupo a que o entrevistado declara não pertencer. Em [11], o “eles” é a família doadora das terras, que por isso tem o poder da posse, se faz presente no discurso na voz de quem manda, como o “ele”, de [12]. O “nós” autor do fato está em [13] e, em [14], o relato da fala de um “eles” que culpa o entrevistado e seu grupo. Os “outros” são os antepassados [16] que construíram a primeira igreja, e em [17], todos os “outros” que não queriam a demolição. Diante de pergunta que poderia desfazer seus argumentos, de uma pergunta que envolve argumento do “outro”, o entrevistado evade-se ([19]). Ou seja, o que se percebe através da representação de discurso que o entrevistado faz em sua narrativa de experiência pessoal é a voz de um ‘outro’ que está em tensão com um “eu” que, ao mesmo tempo, também é o “eu”; a voz de um sujeito que antagonicamente declara-se contrário à demolição, mas que se assujeita, que derruba a igreja por pressão de mesmo grupo que ele próprio constitui.

Ilustrativa da visão de mundo da comunidade, e do modo como as pessoas posicionaram-se em relação à demolição da igreja para a construção de uma nova, é a percepção dos fatos relatada em (b), por uma informante na mesma faixa etária, escolaridade e profissão do informante 2:

(b) Informante 2, faixa etária dos 30 a 45 anos, nível Primário de escolaridade, agricultora:

P: Tu se lembra, assim, mais ou menos, como era a comunidade uma vez, como ela foi, assim, ã, progredindo?

E: Isso não, eu acho, o que aumentou aqui foi só, só o salão porque ((risos))

P: Aumentou o salão.

E: É, a igreja, estavam querendo aumentar, e está ainda aí desse jeito.

P: O que que tu achaste, assim, ali da igreja, tu achaste certo a derrubada? [1]

E: Eu acho assim, que devia tá, que deu uma confusão, mas eu não acho que preservar, eu pra mim <preserv-> claro, tem que deixar, quando tem lugar pra fazer outra, mas como não tinha, tem que, tem que fazer outra, porque o importante, eu o importante, pra mim é, não é o tempo, o importante pra mim é a pessoas. [2]

P: As pessoas.

E: As pessoas, pra mim é assim, só que está ruim essas confusões que dão, aí, (es)tá louco! Agora eu acho muito mais feio ficar brigando por uma coisa, nunca que Deus vai estar contente com isso, nem a gente, a gente não se sente bem assim. [3]

P: Porque a comunidade fica dividida, né?

E: Fica, fica. Depois é assim, as pessoas, ã, eu falo uma coisa, a outra já se ofende, tem pessoas que ficam ofendendo, mas não é por aí, tem que se acertar, tem que esquecer o que passou e construir uma nova, maior.

P: Maior, né?

E: Maior.

P: Que caiba mais gente.

E: Não é, vai/ Pro futuro tem o que falar. Daí sim, daí vai se(r), vão preservar, porque do jeito que aconteceu, mas se tiver que derrubar pra construir uma maior, pra vir mais gente, eu acho que tem/

P: Mas que nem assim...

E: É do jeito que ela (es)tava, dentro ela era, não era mais aquele preservar, sabe, que era uma coisa assim bem antiga. Não era, era simples dentro e não tinha o que/ [4]

P: Porque era um capitel, né?

E: É, era, uma vez era um capitel, era assim bem pequeno, daí decidiram construir outra maior, mas deve ter em papéis aí, que ela, a mulher disse, falou que, se desse pra construir maior ainda podia construir, não é uma coisa assim que ouvindo as pessoas que sabem, não sei se está em papel, se está, assim, pessoas que sabem como é que foi, claro que, pra quem queria fica sentido quem fez, mas eu acho que ela quem, quem, quem fez a promessa, não, não vai ficar, acho que queria mais que fizesse outra maior. Eu pelo menos achava, eu, se mandava, se pedisse, se fizesse uma promessa, queria <fa-> que fizesse maior ainda daí, sempre é progredir, eu acho. [5]

P: Sim, na tua opinião, assim, qual é o lugar mais bonito aqui de São Braz?

E: (falando rindo) Aqui onde eu moro, pra mim.

(BDSer 3;p.14-17)

Novamente, o tema é abordado com base em um pressuposto, o da existência de divergências em relação à demolição [(1)]. A entrevistada não gosta dos antagonismos originados pela demolição [(3)]. Entende que o patrimônio histórico da comunidade é importante, mas, em suas palavras, “o mais importante ... é as pessoas” [(2)]. O sujeito que a entrevistada faz surgir no discurso é justamente aquele que, se não demoliu com ações a igreja, concebeu a demolição. Em [5], a informante representa o discurso de um “outro” que teria autorizado a demolição mediante a construção de uma igreja maior, já que isso seria progredir ([4]). Se as pessoas necessitam

de um local adequado para rezar, e esse local só existirá mediante demolição, então, que se faça a demolição, mesmo em detrimento à memória da localidade. Uma cultura do novo? Do pragmático, do hoje, do imediato? Talvez, mas o que se evidencia nas narrativas, nos relatos de ambos os informantes, no discurso, é o estranhamento, o conflito entre um “eu” e um “outro” ambivalentes, isto é, entre vozes de um “eu” e um “outro” que se confundem nos mesmos sujeitos e se concretizam numa ação socialmente brutal, uma perda sentida até mesmo por quem praticou ou posiciona-se favoravelmente à ação, mas que de alguma forma é autorizada e desejada.

### Considerações finais

As considerações antes tecidas, acerca de fragmentos de entrevistas do BDSer, tinham o propósito de sugerir um modo, dentre outros, de exploração das entrevistas do ponto de vista discursivo, além de contribuir para exemplificar o material com maior detalhamento e profundidade. Procurou-se mostrar que a análise do conjunto de entrevistas permite entrever concepções de mundo e crenças de que resultam práticas sociais e que são, ao mesmo tempo, sustentadas por essas práticas.

Um *corpus* lingüístico como o BDSer, disponível para consulta e análise pela comunidade acadêmica,<sup>5</sup> quer por pesquisadores da área de Letras, quer por estudiosos de outras Ciências Humanas e Sociais, é antes de tudo um registro de memória. A característica inovadora do *corpus*, a de distinguir informantes de zona urbana de informantes de zona rural, permite tomar conhecimento do quanto estilos de vida podem diferir (e nisso o uso da linguagem) nos limites de um mesmo município. Essa é a relevância de um acervo como o do BDSer, guardar a percepção do cotidiano do ponto de vista do indivíduo, a experiência oral de que se sabe apenas pela conversa, situada na lembrança de jovens e velhos, homens e mulheres. Nesse sentido, merece beneficiar não apenas lingüistas, mas também pesquisadores para quem o depoimento oral seja objeto de estudos culturais.

## Notas

---

<sup>1</sup> O projeto *A fala na Serra gaúcha: inovações lexicais na área de colonização italiana* (UCS-CCHC-DELE, Mestrado em Letras e Cultura Regional), cuja equipe coordenada por Elisa Battisti é integrada por Eliana Gianni Tedesco, Neires Maria Soldatelli Paviani, Normelio Zanotto, Suzana Damiani Roveda e Vitalina Maria Frosi, objetiva elaborar um glossário de termos regionais oriundos do contato com o italiano, como resultado da análise da neologia lexical em entrevistas de informantes do BDSer da zona rural de Caxias do Sul.

<sup>2</sup> *Variação lingüística e bilingüismo: a fala da Serra gaúcha*, cuja coordenação e equipe foi a mesma referida na nota anterior.

<sup>3</sup> Os fundamentos para as considerações aqui feitas vêm de Fairclough (2001), que integra diferentes perspectivas e métodos de análise de discurso para estudar as dimensões discursivas da mudança social e cultural.

<sup>4</sup> Texto aqui abrange fala e escrita.

<sup>5</sup> O BDSer localiza-se na sala 210, do Bloco H, da Universidade de Caxias do Sul, Cidade Universitária.

## Referências

---

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Ed. da UNB, 2001.

HUNSTON, Susan. *Corpora in applied linguistics*. Cambridge: CUP, 2002. (Cambridge Applied Linguistics Series).

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

VIEIRA, Eurípedes F. *Rio Grande do Sul: geografia física e vegetação*. Porto Alegre: Sagra, 1984.



## Anexo

---

### Roteiro para entrevista BDSer ZONA RURAL\*\*\*

#### DESCRIÇÃO

##### Família

1. Como é tua família? Ela é grande? Tens irmãos, filhos, netos? O que eles fazem? Estudam, trabalham?
2. Tens tios, primos? Onde moram? O que fazem? Quem é o mais engraçado? Como ele é?

##### Trabalho

3. Onde trabalhas (estudas)? Como é teu trabalho (escola/universidade)?

##### Lazer

4. O que tu costumavas fazer nos fins-de-semana? Com quem? Onde? Vais à bodega? Como ela é?

##### Amigos

5. Teus amigos, como são?

##### Culinária

6. Costumas fazer churrasco? Como preparas?
7. Qual é teu prato favorito? Como é preparado?
8. Onde costumavas almoçar durante a semana? Como é teu almoço?

##### Bairro/Habitação/Transporte

9. Há quanto tempo moras aqui? Gostas do lugar?
10. Como era o lugar antigamente?
11. Como são teus vizinhos?
12. Os moradores do lugar se reúnem para alguma atividade? Qual? Novenas, Clube de Mães, festa de igreja, reuniões? Como são?
13. Sempre moraste na mesma casa? Como era tua casa quando eras criança? Como eram os móveis (utensílios, fogão, forno, cantina, paiol, horta, jardim)? Como são hoje?
14. Como é hoje? É distante do teu trabalho? Como fazes para ir até lá?
15. Como é o trânsito na cidade? Como é o motorista/pedestre?

##### Cidade

16. Lembras do lugar há 20 anos (a algum tempo atrás)? O que mudou? Descreve.
17. Qual é, na tua opinião, o local mais bonito daqui? Como ele é?

##### Religião

18. Praticas alguma religião? Como é a missa/culto?

##### Línguas

19. Tu falas/entendes outra língua? Qual?
20. Com quem falas essa língua? Em que situação?

## NARRAÇÃO

### Infância

21. O que tu lembras de tua infância? Com que tipo de brinquedo tu te divertias?
22. Tu tinhas amigos, brincavas com eles? O que faziam juntos? Como/onde brincavam? Com que frequência brincavam?

### Escola

23. Você foi à escola? Onde? Como eram as aulas? Como era a professora/o recreio?

### Celebrações

24. Como era o Natal (Casamento, 1ª Comunhão, filó, enterro, missa, Sagra, festa de capela)? O que faziam no \_\_\_\_? Como se preparavam para o \_\_\_\_?

### Eventos marcantes

25. Tu lembras de algum momento muito triste/feliz em tua vida? O que aconteceu?

### Férias

26. O que costumava fazer nas férias?
27. O que fazias nas férias, quando criança? Como faziam para visitar os parentes?
28. Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste?

### Estórias

29. Ouvia estórias quando criança? Quem contava? Lembras de alguma? Conta.
30. Antigamente, como faziam o pão/vinho? Como matavam os porcos? Isso mudou? Como é hoje?

### Namoro

29. No passado, como era o namoro? O que faziam?
30. Como é hoje? O que fazem?

## ARGUMENTAÇÃO

### Localidade

31. Tu gostarias de viver em outro lugar? Por quê?

### Comportamento

32. Qual é a tua opinião em relação ao comportamento dos jovens (em relação aos pais, ao namoro, ao estudo, ao trabalho)?
33. O que tu pensa da vida da mulher hoje? Mudou? Em que sentido? Vai superar o homem? Por quê?
34. Como tu vê a situação dos idosos no país? Vivem bem? Têm assistência do Estado/família? Por quê?

### Violência

35. O que tu pensa sobre a violência, de pessoas que matam para roubar, de homens que batem em mulheres e crianças?

### Política

36. Qual é a tua opinião sobre o atual prefeito? Sobre os políticos em geral? Por quê?

### Televisão

37. O que tu pensa dos programas da TV, dos filmes exibidos, das novelas, dos noticiários? Por quê?

**Rádio**

38. O que tu pensas dos programas de rádio transmitidos em dialeto?

**Festas**

39. Qual é a tua opinião sobre o carnaval brasileiro?

**Ensino**

40. Como tu vês o Ensino, hoje? Por quê?<sup>41</sup>. Na tua opinião, que língua estrangeira as crianças devem aprender na escola, o inglês, o italiano ou o espanhol? Por quê?

**Religião**

42. O que tu pensas do comportamento dos padres?<sup>43</sup>. Por que muitas pessoas afastam-se da religião hoje?

**Trabalho**

44. Por que escolheste permanecer no interior e trabalhar no campo?

**Vida**

45. Se pudesses, mudarias alguma coisa em tua vida? O que farias de diferente? Por quê?

\*\*\* O roteiro sofre pequenas adaptações para aplicação na zona urbana de cada município e em função de aspectos de cada cultura, como festas a santos e padroeiros.

